

Colaboração premiada

Provas colhidas com base na delação devem ser mantidas, dizem analistas

Em caso de eventual rescisão do acordo de Mauro Cid, evidências comprovadas podem fundamentar inquéritos, avaliam criminalistas

PEPITA ORTEGA

Mesmo com uma eventual rescisão do acordo de delação premiada do tenente-coronel Mauro Cid, as provas independentes colhidas pela Polícia Federal, assim como pontos já corroborados pelos investigadores, continuarão a fundamentar os inquéritos que atingem o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e aliados. Essa é a avaliação de criminalistas e professores consultados pelo *Estado* sobre possíveis consequências de uma derrubada da colaboração do ex-ajudante de ordens da Presidência.

Eles alertaram que a questão central para se tratar dos impactos de uma eventual rescisão é: quem foi o motivador do rompimento do acordo, o fato de a anulação ser vista como uma medida extrema e que, a depender dos termos do pacto fechado entre Cid e as autoridades, há níveis de punições, anteriores à anulação do acordo.

Criminalistas entendem também que as gravações de Cid podem abastecer as defesas de outros investigados im-

plicados pelo militar, como o próprio Bolsonaro.

Sergio Salomão Shecaira, professor de Direito Penal da USP, ponderou que os relatos de Cid “muito provavelmente” estão corroborados por outras provas e que essa situação, eventualmente, pode “permitir que se prescind” da delação. De outro lado, há a hipótese de que a colaboração seja necessária para que haja uma continuidade na investigação de algum fato determinado – vertente que pode implicar um “enfraquecimento” da investigação.

‘MORTO’. “Vamos imaginar o seguinte. Nós não sabíamos que uma pessoa morreu. Mauro Cid chega e fala João morreu. As pessoas vão atrás e acham o cadáver. Eu não posso partir da premissa que João não tenha morrido porque foi invalidada a delação. Se eu achei o cadáver, João está morto. Tudo aquilo que ele falou e que foi confirmado por outras formas de provas é válido, no sentido de que o que ele indicou de fato aconteceu. João morreu. Agora, se ele falou João está morto e não encontrou a prova da morte, o simples fato de não ter encontrado já enfraquecia a prova.”

O professor Maurício Zanoide, titular de Processo Penal da Faculdade de Direito da USP, considera que a

Para lembrar



Pontos da colaboração do ex-ajudante de ordens

● **Acordo de colaboração**

WILTON JUNIOR/ESTADÃO - 20/9/2023



O ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, tenente-coronel Mauro Cid, deixou a prisão em setembro do ano passado, após ter seu acordo de delação homologado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes

● **Trama golpista**

Na delação, Cid afirmou que Bolsonaro se reuniu com a cúpula das Forças Armadas para discutir a possibilidade de uma intervenção militar para anular o resultado da eleição de 2022

● **‘Minuta de golpe’**

A munição para convencer a alta cúpula das Forças foi uma “minuta de golpe”, que daria suporte jurídico à trama. Cid declarou que o ex-assessor da Presidência Filipe

questão central de uma discussão sobre os impactos de uma eventual derrubada da delação de Cid é a “causa”. “A rescisão seria declarada por culpa de quem? Quem cometeu a irregularidade? A partir daí há possíveis meios de prova que devem ser tirados da mesa.”

Ele afirmou que, na hipótese de uma rescisão, os relatos de Cid – o termo de delação e o vídeo dos depoimentos – não podem ser usados pela Polícia Federal. “Quando Cid estava preso, a PF fez apreensões na casa dele. Eles já ti-

Martins entregou o documento a Bolsonaro

● **Cartões de vacina**

Cid admitiu participação em fraudes de cartões de vacina contra covid e implicou Bolsonaro como articulador do esquema. Afirmou que o ex-chefe do Executivo pediu que os cartões dele e de sua filha fossem manipulados

● **Venda ilegal de joias**

O ex-ajudante de ordens disse aos investigadores que entregou ao ex-presidente parte do dinheiro proveniente de esquema de venda ilegal de joias e outros itens recebidos por Bolsonaro na condição de presidente da República

● **‘Gabinete do ódio’**

Na delação, o tenente-coronel falou sobre o funcionamento do “gabinete do ódio” no governo Bolsonaro. O núcleo usava as redes sociais para atacar pessoas consideradas inimigas do ex-presidente e espalhar desinformação

● **Urnas eletrônicas**

Cid disse que Bolsonaro resistia a admitir publicamente a derrota na eleição de 2022 e a desmobilizar os acampamentos em frente a quartéis-gerais porque acreditava que algum indicio de fraude nas urnas seria encontrado para anular o resultado do pleito

nham elementos, e depois eles foram usados por ele para dar uma contextualização. Essa contextualização, que é o depoimento, sai da mesa, mas o que foi narrado aos policiais eles não vão esquecer. Eles vão saber narrativa e vão dizer: ‘Aquele nossa suspeita ele confirmou, mas já tínhamos o documento’”, afirmou. “A informação é sabida, ninguém deslembra.”

Um cenário diferente é se Cid levou um documento que a polícia não tinha. “Aí a questão não é da narrativa, ela continua não sendo mais usável.

Mas a pergunta é o que fazer com os documentos. Se a parte que cometeu a irregularidade que levou à rescisão não foi o órgão público, eles vão querer usar aqueles documentos.”

‘CONTAMINAÇÃO’. Há ainda a questão das provas que só foram obtidas em razão de “informações que foram tiradas da mesa por causa da violação do negócio jurídico processual”. De acordo com o professor, a eventual contaminação de provas depende do quanto a delação, se declarada nula, resultou em determinado achado ou baseou uma decisão. “As contaminações por derivação se dão para frente e não para os lados”, indicou.

“Vamos imaginar o seguinte. Nós não sabíamos que uma pessoa morreu. Mauro Cid chega e fala João morreu. As pessoas vão atrás e acham o cadáver. Eu não posso partir da premissa que João não tenha morrido porque foi invalidada a delação”

Sergio Salomão Shecaira
Direito Penal da USP

Zanoide disse que é necessário avaliar de onde partiram as informações que culminaram em determinada descoberta, na investigação – delação, levantamento de campo, quebra de sigilo. Assim é possível classificar os achados como “fonte independente de prova”, não impactada por qualquer decisão quanto à delação de Cid.

Shecaira explicou que a delação premiada depende de uma confirmação, uma vez que o investigado concorda em falar com as autoridades sob uma “pressão geral”. “É algo que ele não gostaria de fazer, delatar pessoas com as quais ele esteve envolvido durante o período, mas ele ainda assim o faz porque ele tem elementos de convicção e prova que podem permitir você chegar a outros fatos.” ●

‘Eles queriam só que eu confirmasse a narrativa deles’

GABRIEL DE SOUSA
BRASÍLIA

Nos áudios divulgados pela revista *Veja*, o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), declara que os investigadores da Polícia Federal apenas queriam que o militar “confirmasse a narrativa” deles, no inquérito que apura a suspeita de tentativa de golpe.

“Eles já estão com a narrativa pronta. Eles não queriam saber a verdade, eles queriam só que eu confirmasse a narrativa

deles. É isso que eles queriam, e toda vez eles falavam: ‘Olha, a sua colaboração tá muito boa’. Ele (*investigador*) até falou: ‘Vacina, por exemplo, você vai ser indiciado por nove tentativas de falsificação de vacina, vai ser indiciado por associação criminosa’, e mais um termo lá. Ele disse assim: ‘Só essa brincadeira vai ser 30 anos para você’”, afirma Cid em uma das gravações.

Em um outro trecho, Cid diz que a PF queria que ele falasse coisas que ele não sabia e que não aconteceram. “Não adianta, você pode falar o que você

quiser. Eles (*PF*) não aceitavam e discutiam que a minha versão não era verdadeira, que não podia ser assim, que eu estava mentindo.”

Íntegra
Advogado de Bolsonaro, Fábio Wajnarten defendeu ontem a queda do sigilo dos depoimentos de Mauro Cid

‘CONVENIENTE’. Cid diz ainda que o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes tem a sentença pronta

dos investigados por tentativa de golpe. Segundo o tenente-coronel, o magistrado apenas estaria “esperando passar um tempo”. “O momento que ele achar conveniente, ele denuncia todo mundo, o PGR acata, aceita e ele prende todo mundo”, afirma o militar.

“O Alexandre de Moraes é a lei. Ele prende, ele solta quando ele quiser, com Ministério Público, sem Ministério Público, com acusação, sem acusação”, afirma o tenente-coronel na gravação. Cid também comenta por que aceitou fazer delação. “Se eu não colaborar,

vou pegar 30, 40 anos. Porque eu estou em vacína, eu estou em joia”, diz, em referência a inquéritos dos quais é alvo. “Quem mais se f... foi eu.”

SIGILO. O advogado de Bolsonaro, Fábio Wajnarten, defendeu a queda do sigilo dos depoimentos de Cid, após o vazamento dos áudios. “O levantamento do sigilo poderá dirimir potenciais dúvidas e dará a transparência necessária para a elucidação de parte dos fatos. A defesa do presidente tomará as devidas providências”, postou no X, ontem. ●